

1ª EDIÇÃO

CARTOGRAFIA



PALAVRAS EM TRANSLAÇÕES

A primeira, das quatro publicações do Mapa da Palavra.BA, é um convite ao deslocamento sobre relevos diversos, a cartoGRAFIA da literatura na Bahia de agora.

Aqui, esta cartoGRAFIA começa, brisa e vigor. Baús abertos, árvores sagradas; lâminas de palavras, cenouras e dilúvios; arrastões e saqueadores de livros; ebós abstratos e um cordel concreto; gotas vermelhas pingando pelas torneiras de uma casa; sete sóis, cactos, girassóis; uma girafa doce e aprender com o vento.

Aqui, mais uma portajanela aberta. A possibilidade de acesso a diversos mundos literários, dentro da Bahia. Parte da produção literária que existe no Estado, atualmente, e muitas vezes, encontra-se fora das rotas de leitura.

Difundir esta cartoGRAFIA é promover um diálogo estético, espacial; criando relações entre cidades, artistas, formas de criar; é expor entonações e estilos diversos e apostar na troca de experiências e na reflexão.

LETRAS BORDADAS

Aidil Araújo Lima

À MEMÓRIA DE JCMN

Elton Magalhães

DILÚVIO

Daniela Galdino

BARCO

Daniela Galdino

ARRASTÃO

Marcos A. P. Ribeiro

POEMA DE SETE ENCRUZILHADAS

Denisson Palumbo

CORDEL CONCRETO

Jotacê Freitas

HEMORRAGIA

Marcondes Araujo

VAQUEIRO DE SETE SÓIS

Adriano Eysen

ORAÇÃO AOS CACTOS

Adriano Eysen

A GILAFA

Paula Lize

LETRAS BORDADAS

Aidil Araújo Lima

Veza ou outra abria o baú. Sua vida abandonada lá dentro. Tirava todo enxoval, estendia na pedra, expondo ao sol o destino quase escapado. Quarava sua tristeza na sombra da partida do noivo sem regresso. A memória voltava calada, num silêncio amargo. Bordados feitos de sonhos, com cheiro de idade encoberta embalhava o tempo. O pai sempre dizia que mulher negra não podia se abandonar no prazer, ficava mal dita. Das três irmãs, apenas ela encontrara o amor de respeito. O tal moço de alto conceito, era funcionário público. Ele, o pai, fez muito gosto. Ela enxovalhava deslumbrada por meses intermináveis, até que o baú ficou cheio de coisas com duas letras. Linhas e dedos criaram intimidades desatando nós que amordaçam a vida, trilharam por caminhos distantes, a ponto de o noivo desistir da promessa se encantando por outra. Com coração destroçado, silencia o adiado destino. Isolara-se tanto, tão longe, que se esquecera até dos pensamentos. Seguiu virgem sem amores, nem paixões. Às vezes levava o baú para o riacho, lavava toda a roupa ainda virgem e chorava a sua própria morte sem cova. Até que, o vento cansado de tanto tormento, voou pra longe sua camisola branca bordada, sem nunca ser usada. Ela correu atrás e a encontrou pendurada na árvore sagrada de lansã. Tocou na árvore, sentiu o acúmulo da emoção se dissolvendo, desejos incontidos criando doidices, sentimentos abusados fugindo assustados. Iniciou-se mulher de santo, praticou Panã, ritual sagrado, reaprendendo a fazer coisas do cotidiano, como lavar roupas, varrer casa, acender fogo, até fazer amor. Seu corpo teve ocasião de ser mexido. Ganhou um destino novo sem solidão.

À MEMÓRIA DE JCMN

Elton Magalhães

Para querer e ter poesia
Ao modo Cabral de Melo Neto
É natural tê-la por concreto
Ou faca - onde tudo se enfia.

Fincá-la num turvo dissabor
(Que todos sabem: é poesia),
Puni-la, pelo justo rigor
Laminar, pois que nada alivia.

O poeta posto não aceita
Alimentar vago desencanto
A vida polida – se bem feita –
É somente vida, ou nem tanto.

DILÚVIO

Daniela Galdino

há três dias
sete horas
nove minutos
e onze segundos

minhas heterôminas
estão em assembleia

pauta única:
o que ocorrer

nada será deliberado

admiro a organização
de Pessoa

BARCO

Daniela Galdino

 você descasca
 cenouras
 para a salada
que não comerei

(Villa-Lobos na tv)

eu falida de verbos
 sentada
 à beira da tarde
costurando ruídos

(Villa-Lobos na tv)

 nesta primavera
 de fugas
bendita nossa fome
o resto é tormento

ARRASTÃO

Marcos A. P. Ribeiro

Durante a greve da polícia militar da Bahia (2012), cerca de vinte homens jovens, todos negros ou quase negros, a maioria sem camisa, vestindo bermudas longas, alguns com bonés virados, outros com colares de metal prateado no pescoço, invadiram um sebo situado no Largo do Porto da Barra, gritando:

- Queremos livros!

Surpreendidos, os proprietários pensaram, a princípio, que os jovens quisessem dinheiro ou objetos de valor material – celulares, computadores, relógios.

Mas não. Eles se dirigiram diretamente às prateleiras e exigiram, aos berros:

- Livros!

Os proprietários imediatamente ofereceram Paulo Coelho e outras obras de auto-ajuda, além de O Código da Vinci, Harry Potter, O Crepúsculo e livros nos quais belos adolescentes são magicamente felizes, sem qualquer vínculo com a realidade adulta.

Mas os invasores os recusaram. Continuaram, violentamente, desesperadamente, a retirar livros das prateleiras e a lançá-los ao chão.

Apreensivos quanto às consequências, os proprietários, cautelosamente, resolveram subir o nível e, como havia muitas obras de Jorge Amado, em edições baratas, encalhadas, ofereceram-nas ao bando.

Em resposta, receberam palavrões, safanões, tapas e coronhadas.

- Queremos os melhores! Só os melhores!

- Não tentem nos enganar!

Um deles apontou um revólver para um dos proprietários e bradou, ameaçadoramente:

- Onde estão?

Completamente aturdidos e, ao mesmo tempo, dotados de delicada e meticulosa cautela, os proprietários mostraram-lhes Machado de Assis, Guimarães Rosa, Drummond, Cabral, Bandeira, Graciliano Ramos.

Os olhos dos assaltantes brilharam:

- Isso mesmo!

- São esses que queremos!

E avidamente, atabalhoadamente, começaram a colocar os livros em grandes sacos de plásticos que traziam consigo.

Incrédulos, perplexos, os proprietários observaram a cena como se estivessem diante da irrupção do fantástico no cotidiano.

Então os jovens vociferaram, quase em uníssono:

- Os estrangeiros!

- Onde estão os estrangeiros?

Eles estavam muito bem informados; recusaram autores de segunda categoria e exigiram:

- Cervantes, Shakespeare, Dante, Dostoievski, Fernando Pessoa, Joyce, Proust, Thomas Mann...

Os proprietários foram obrigados a oferecer-lhes seus melhores autores; temiam as consequências, para sua integridade física, da tentativa de enganá-los com autores menores.

Com os sacos repletos de grandes obras literárias, os jovens apontavam dedos em riste e punhos cerrados para o ar e agora gritavam:

- Filosofia!
- História!
- Antropologia!
- Política!
- Geografia!

Grandes clássicos dessas disciplinas foram-lhes, então, apresentados.

Após cerca de uma hora, os saqueadores, carregando volumes abarrotados de livros, saíram do sebo, rindo alto, comemorando o butim; alguns deram tiros para o alto.

Os proprietários comunicaram imediatamente o ocorrido aos poucos policiais que permaneciam de plantão, que, entretanto, se recusaram a registrar a queixa, por lhes parecer inverossímil. Ameaçaram-lhes de prisão, por tentativa de ridicularizar a polícia. O delegado riu com sarcasmo zombeteiro:

- Roubar livro, se isso existir, não constitui crime!

Contudo, não se sabe como, a informação sobre o insólito episódio circulou e foi noticiada pela imprensa.

Gerou imediatamente grave preocupação aos governantes e em toda a cúpula do establishment nacional.

O Gabinete de Segurança Institucional reuniu-se de emergência.

A Agência Brasileira de Inteligência convocou, em caráter extraordinário, todos seus agentes.

O Alto Comando do Exército foi alertado.

Editorial de um importante jornal paulista advertiu para “as funestas consequências para o equilíbrio e a ordem social caso as massas iletradas, ao tomarem conhecimento de seus direitos, por intermédio de clássicos da literatura universal e das ciências humanas, subitamente passem a reivindicá-los por meios violentos.”

O governo federal e os órgãos de segurança nacional concluíram, após investigação emergencial e sumária, que “intelectuais infiltrados junto aos que não tiveram acesso à educação formal lhes teriam instruído sobre as obras fundamentais, tanto nacionais quanto estrangeiras, para a formação da consciência sociopolítica e à independência de julgamento.”

O presidente da República, em cadeia nacional de rádio e televisão, fez o seguinte pronunciamento: “Existe considerável risco de que o movimento violento e espontâneo dos intelectualmente excluídos, que se iniciou na Bahia, berço da nacionalidade, estado-mãe da brasilidade, se dissemine pelo território nacional, com graves consequências para a ordem pública. Desse modo, o governo federal, em cumprimento de suas obrigações constitucionais, adotará as medidas excepcionais necessárias à manutenção da normalidade social.”

Os serviços de segurança do governo federal e das forças armadas passaram a controlar, de forma velada, as atividades de todos os intelectuais do país. Professores universitários da área de ciências humanas foram vigiados e seguidos; suas correspondências, física e virtual, e a comunicação telefônica, monitoradas sem autorização judicial, impossível de ser obtida, em curto prazo, para milhares de pessoas. Como justificativa, o governo alegou que a situação excepcional exigia medidas excepcionais.

Decreto presidencial determinou que os compradores de livro devessem informar profissão e endereço; esses dados ficariam registrados nas livrarias. O livreiro foi legalmente responsabilizado pelo registro e arquivamento dessas informações. Em casos suspeitos – ou seja, em situações em que o livreiro suspeitasse que o livro destinava-se a pessoas que o utilizariam para fomentar a cizânia social, a desordem pública, esse deveria sustar a venda e informar ao governo os dados do pretendo comprador. Tentou-se, assim, evitar-se, a todo custo, o contato da turba rústica com os livros. Embora não tivesse sido oficialmente estabelecido, informalmente instalou-se, no país, uma espécie de estado de sítio, que, na prática, suprimia as garantias constitucionais. Toda pessoa suspeita de colaborar, de algum modo, com a patuleia, teve seus movimentos controlados e, um eventual contato com os intelectualmente desprovidos, impedido.

Nas portas de cada livraria, de cada biblioteca pública, foram postados guardas armados. A polícia federal, a força de segurança nacional e o exército foram utilizados para impedir que os saques a livros se repetissem.

Os assaltantes do sebo baiano foram implacavelmente caçados pelas forças de segurança e presos; todos os livros roubados, apreendidos.

Com essas medidas, a rebelião popular foi controlada.

Para evitar que o fenômeno se repetisse, as autoridades criaram um programa para a distribuição subsidiada de instrumentos musicais, aparelhos de som e aulas de capoeira à população – o Bolsa Diversão. Shows musicais passaram a ser oferecidos gratuitamente nos bairros periféricos, três vezes por semana, sem controle do volume sonoro. O imposto incidente sobre a cerveja vendida em garrafas grandes foi reduzido em vinte e cinco por cento.

E assim o Brasil continuou a ser o paraíso da alegria vã e leviana – para gáudio dos governantes e dos gringos que nos visitam.

POEMA DE SETE ENCRUZILHADAS

Denisson Palumbo

(O Exu de Basquiat)

falo de pincéis LAROIÊem inglês na encruzilhada
sem proporção áurea

lembro os negros reis
trago tumbeiros em vapor e pinto cor-esperma
excitado com o infinito

pela encruzilhada
cigarros e cinzas de carro tintas e testículos de fogo,
entre setas caminhos

ebós abstratos comidos
pelos famintos notívagos nova-iorquinos de quinta
perdidos na praça do tempo

longe dos amarelos móveis
da encruzilhada além das paredes
da esclerótica e da retina

apalpam telas martelos de leilões de arte
como a tetas
e Exu dá gargalhadas

enquantoBasquiat passeia
pela eternidade fria galeria
ENCRUZILHADA

U MA
Fa LA
 DE **2** GUMES

U NE LÍNGUA G
 & LÍNGUA E
 LIN M

PLAVRA É
 COISA MA
 UD

OVERSO NÃO
 TEM VAN ta GEM

foge o
tempo
do relógio
tique-taque a
taquear
oscilando
a vida deixa o
tempo inteiro
passar



HEMORRAGIA

Marcondes Araujo

Bem que ela tivera um pressentimento ruim na noite anterior. Logo pela manhã, a filha de quinze anos percebeu que algo extraordinário estava para acontecer. Correu e avisou à mãe que a torneira do quintal estava gotejando sangue. Ela foi verificar e constatou que uma gota vermelha pingava a cada cinco minutos. Assustada, apertou o máximo que pôde a torneira. A gota de sangue passou a cair a cada quinze minutos. Arranjou um pedaço de pano e apertou ainda mais a torneira. O sangue foi estancado, mas o esforço lhe provocou um grande desgaste físico, e foi obrigada a voltar para o quarto. Deitou-se, sentindo calafrios. Meia hora depois foi acordada pela filha. Outra torneira gotejava sangue. Desta a vez a da lavanderia. Levantou-se e adotou a mesma providência aplicada à torneira do quintal. O sangue foi estancado. Tornou a deitar-se, sentindo mais calafrios. Sonhou que o marido a arrastava em meio a uma multidão e a obrigava a subir num cadafalso, para executá-lo, ele próprio, na guilhotina. Acordou no momento exato da precipitação da lâmina. A filha a chamava de novo, para avisá-la de outra torneira gotejando sangue. A da pia do sanitário. Correu e aplicou-lhe um torniquete. Começava a sentir-se exausta. Mesmo assim foi verificar as torneiras do quintal e da lavanderia. Percebeu que, apesar dos apertos que lhes aplicara, começava a formar-se, em cada uma delas, uma quase imperceptível gota vermelha. Enrolou as três torneiras com pedaços de plástico. Depois, saiu examinando uma por uma as demais torneiras da casa. Abriu cada uma delas e verificou, satisfeita, que jorravam água. Tranquilizou-se um pouco e voltou para o quarto. A filha comentou que ela estava bastante pálida. Olhou-se no espelho e concordou com a filha. Sentiu as pernas fraquejarem e sentou-se na cama. Perguntou à filha se o marido dera notícia. Ela disse que há três dias não telefonava. Sorriu, conformada. Deitou-se e cobriu-se com o cobertor, recomendando à filha que a deixasse descansar. A filha saiu para vistoriar as torneiras da casa. Descobriu que a da pia da cozinha também já pingava sangue, e que os invólucros de plástico das outras torneiras, colocadas pela mãe, haviam se transformado em três bexigas cheias de sangue. Correu para o sanitário e constatou que também do chuveiro começava a cair uma gota de sangue. Ficou perplexa. Não tinha a mesma desenvoltura da mãe para resolver os problemas da casa. Mas não quis acordá-la. Pensou em chamar um encanador, mas foi surpreendida pelo grito da mãe. Correu para o quarto. A mãe despertava de um pesadelo. Contou que, no sonho, o marido era um garoto malvado, que lhe arrancava a dentadas o mamilo do seio, durante a amamentação. A filha a observou, compadecida. A mãe envelhecera antes do tempo. Uma vida inteira dedicada exclusivamente ao cotidiano do lar. Olhou assustada a brancura dos seus lábios. Resolveu chamar um médico e um encanador. Ajudou a mãe a deitar-se, cobriu-a com um

cobertor e voltou aflita para a sala. Antes de telefonar, decidiu verificar de novo como estava a torneira da cozinha. Abriu-a e não conteve um grito de espanto ao constatar estarrecida que jorrava sangue. Fechou a torneira e correu para o telefone. Ligou antes para o médico, mas quem primeiro chegou foi o encanador. Enquanto o sistema hidráulico da casa era analisado, prestava assistência à mãe. Ela estava delirando. Balbuciava palavras desconexas: “Esquecimento”, “Distância”, “Torneiras”, “Alma”, “Conformação”, “Desconformação”, “Sono”, “Sonhos”, “Muros”, “Quintal”, “Formatura”, “Luar”, “Lar”, “Detergente”, “Adstringente”, “Separação”, “Hegemonia”, “Hemorragia”, “Aborto”, “Menstruação”, “Desespero”, “Compaixão”, “Saudade”, “Esperança”, “Solidão”. O encanador gritou da sala que era impossível estancar o vazamento, pois todas as torneiras estavam danificadas, e todo o encanamento hidráulico da casa estava perfurado. O sangue, segundo ele, já se espalhava no subsolo do lar. Era algo irreversível. O médico chegou. Examinou os olhos da mãe e diagnosticou anemia profunda. Ela estava inconsciente. O encanador avisou que, para estancar o sangue, haveria de cavar o chão, para descobrir e tapar o local exato do vazamento. Neste momento, a mãe teve um lapso de lucidez, e desautorizou a escavação, alegando que não permitiria tal invasão à mais íntima privacidade de seu lar. O médico aproveitou a oportunidade para perguntar-lhe se havia comido algo que fugisse de sua dieta normal. A mãe pronunciou suas palavras finais: “Nada, nunca comi nada que fugisse de uma dieta normal”. A filha estava impressionada com o desdobrar dos acontecimentos. Telefonou para o pai. Ele precisava vir, com urgência. O encanador disse que a hemorragia da casa estava fora de qualquer controle. O médico apertava o braço da mãe na busca insistente de uma veia para injetar-lhe soro. A mãe não mais respondia a qualquer estímulo. As bexigas das torneiras haviam se rompido, e o sangue gotejava ininterruptamente na cozinha, no sanitário e na lavanderia. O líquido vermelho começava a se espalhar pela casa, e entrava no ralo do quintal para escorrer pelo cano e aparecer do lado de fora, correndo rente à calçada por toda a rua. Chamou a atenção dos passantes e da vizinhança. Formava-se, por causa disso, uma aglomeração de gente diante da casa. E ninguém pôde evitar o surgimento dos cães, que lambiam a enxurrada de sangue ao longo de toda a sarjeta. A filha prostrou-se na poltrona, num sinal de que mais nada podia fazer. O encanador sentou-se ao seu lado, e o médico lamentou que o melhor seria chamar um padre para providenciar a extrema-unção. A torneira da cozinha estourou, e de longe podia-se ouvir o barulho do jorro de sangue. A mãe era uma estátua de gesso em cima da cama. O marido chegou, abrindo caminho entre a multidão. Mas já era tarde. A casa toda sangrava, enquanto a mãe, sem um pinga de sangue, dava o suspiro final.

VAQUEIRO DE SETE SÓIS

Adriano Eysen

Para Jaquinho

Os chocalhos das vacas
anunciam sua partida
vaqueiro de sete sóis
e as algarobas farfalham em tua despedida
num tapete de girassóis.

O cavalo campeia
teus rastos na caatinga
e o gibão rasurado pela macambira
retrata tua bravura nessa aldeia
que vem em prece, aboio e cantiga.

Neste sertão, restam tuas rosetas
sangrando manhãs.
Vai, Aquiles das veredas,
montado no vento,
vestido de couro e coragem.

ORAÇÃO AOS CACTOS

Adriano Eysen

Os cactos repousam no lajedo
e me ferem docemente.
Invejo-os porque são rudes, sem segredo.

Os cactos são meus pensamentos
barqueiros tristes e nulos.
Os cactos são meus sentimentos.

Sou um pagão às margens do rio.
Vejo o sol da minha janela
feito os cactos, sem certezas, sem brio.

A GILAFA

Paula Lice

Eu vou contar uma história sobre como um dia eu me encontrei comigo mesma quando eu tinha nove anos. Eu estava tomando café, que é uma coisa de gente grande. Se bem que, aos nove anos, eu também tomava café. Ralo e com muito açúcar. No terceiro gole de café, um rapaz sentou à minha frente e me disse que o primeiro desafio da girafa é sobreviver à queda.

Pensei na girafa que eu tinha, aos nove anos, que esteve ao meu lado durante toda a minha infância. Quando ela nasceu, bateu forte com a cabeça no chão. Eu achava que ela não ia sobreviver. Minha mãe tapou os meus olhos para que eu não visse. Foi quando ela, ainda bamba da queda, ensaiou ficar em pé pela primeira vez. Deu três passos e caiu de novo.

Quis chegar perto, mas minha mãe me disse que isso era trabalho da girafa-mãe. Nesse tempo, eu morava com a minha mãe em uma árvore bem cheia de folhas. Todos os dias, a primeira coisa que eu via eram cabeças de girafas. Muitas. Todas ali, ao redor da casa. O meu tio, as minhas tias-avós, toda a família morava em árvores. Todas ao redor do coração.

Girafa é um bicho muito doce. Ninguém pode se sentir triste se tem uma girafa por perto. Nunca me faltou chão enquanto eu morei à vista das girafas. A primeira coisa que a minha girafa me disse foi: Eu gosto que você se chame Malia. E depois disso, ela virou a mi-

nha Gilafa. Foi ela quem me ensinou a andar de bicicleta e a comer jambo. Uma fruta vermelha.

Um dia, a minha girafa precisou ir embora com todas as outras girafas que moravam ao redor da minha casa na árvore. Na época, a mãe da minha Gilafa me disse: Mariazinha, você vai crescer e isso é uma coisa muito bonita. Eu perguntei se doía. Ela disse que algumas belezas doem, como queda da bicicleta. Mas que, para ela, não há satisfação igual a andar de bicicleta. Na época, eu não sabia o que era satisfação. E então passou um vento.

Eu não me lembro da última coisa que a minha Gilafa me disse porque o abraço foi muito demorado. Se eu fechar bem o olho, ainda sinto o bafinho quente da respiração dela no meu ombro. Assim que eu cresci, desenhei uma girafa amarelo-cintilante no peito. É para ela que o meu filho olhava, quando sentia medo de dormir no escuro.

Ter uma girafa, ter um filho, ter um sol. Meu filho, que agora toma café, sentado à minha frente, tinha medo de tirar as rodinhas da bicicleta. E também precisou de uma girafa para aprender a cair. Todas as outras girafas ainda correm comigo. Crescer é como andar de bicicleta. Uma vez que se aprende, não se pode mais desaprender. O segredo é inventar maneiras de viver de outra maneira. Estamos aprendendo com o vento.



AÍDIL ARAÚJO LIMA

Aídil Araújo Lima nasceu na cidade de Cachoeira no Recôncavo baiano. Participou do Movimento Negro Unificado na cidade do Rio de Janeiro. Retorna para a Bahia, cursando Filosofia na Universidade Católica de Salvador, foi professora, bancária. Cursou Jornalismo sem concluir. Depois de muitas andanças, retorna à cidade cheia de encantos e mistérios, realizando o sonho de viver no campo. Premiada no Jubileu de Ouro, Mogi das Cruzes – SP, publica o conto Ponto de Cruz. Recebeu Menção de Louvor Especial com o conto Inocência em a Poesia pede Passagem, entre outras publicações.

O misticismo sagrado, a natureza estão perfeitamente conectados em seus textos curtos que remetem a esperança e reflexão.

foto: Danilo Martins

Mestre em Literatura e Cultura, professor da Universidade Católica de Salvador, poeta e cordelista. Participou de 2 antologias nas quais foi premiado (Editora LiteraCidade, 2014, e Editora Vivara, 2015). Organizou o livro O Português na Língua do Cordel, a partir de textos didáticos em Cordel, produzidos por alunos do IFBaiano (Catu). Já publicou diversos folhetos em Cordel - impressos e em formato digital. Escreve casualmente para o Jornal Correio (Bahia), publicando textos em Cordel sobre as festas populares da Bahia. Promove oficinas e faz palestras cuja temática é a Literatura de Cordel.

foto: Marília Magalhães



ELTON MAGALHÃES



DANIELA GALDINO

Poeta, Performer e Pesquisadora da área de Literatura. Daniela Galdino é docente da UNEB, onde coordenou o Comitê Local do PROLER (2012-2015) e desenvolve projetos de formação continuada em Artes. Colaboradora do Coletivo TEAR (Garanhuns-PE), em fevereiro de 2016, desenvolveu residência artística no agreste pernambucano, a convite do referido grupo. De tal ação, resultou a performance “Missivas”, que destaca a poesia erótica. Durante o mês de outubro/2013, fez circulação literária na Alemanha, participando de eventos em Hamburg, Bremen e Berlim. No Brasil, participou, como poeta e performer, do Festival Macuca Brinquedos Populares (PE, 2016), lançamento da revista Palavra (SESC/PE, 2016), I FELITA (BA, 2014), I Festa Internacional Literária da Chapada Diamantina (BA, 2014), XI Bienal do Livro da Bahia (2012), 18º Congresso de Leitura do Brasil (Unicamp, 2012), Festival Nacional Amar Amado (BA, 2012) e AltFest Fliporto (PE, 2011).

foto: Milena Palladino



MARCOS A. P. RIBEIRO

Marcos nasceu em Jequié - BA, em 1957, é graduado em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, 1982. Possui curso de Especialização em História da Ciência pela UNICAMP, Campinas, 1992. É mestre em Saúde Comunitária pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, 1994. Concluiu o curso básico de inglês da Escola Baiana de Expansão Cultural (EBEC), 1977. Concluiu o curso "Pre-Michigan" da Associação Cultural Brasil-Estados- Unidos (ACBEU), 1979. Concluiu o Curso de Tradução da Associação Cultural Brasil-Estados- Unidos (ACBEU), 1980. Concluiu o Curso Básico de Francês da Alliance Française (CEPAL), 1981. Concluiu o Curso Básico de Alemão do Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Instituto Goethe), 2002.

foto: Alejandra H. Muñoz

Movimenta-se nas artes cênicas, embrenha-se nas letras e faz passeios com a música.

foto: Max Fonseca



DENISSON PALUMBO



JOTACÊ FREITAS

Jotacê Freitas é especialista em artes na educação, graduado em pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Em 1993, recebeu o prêmio de melhor ator no III FITAB (Festival Independente de Teatro Amador) integrando o Grupo Teatral Nós-nas-tripas de Senhor do Bonfim. Em 1996, ganhou o primeiro e o terceiro prêmios do concurso de poesia da ACLASB – Academia de Letras e Artes de Senhor do Bonfim. Em 2001, recebeu da Câmara Municipal de Salvador o prêmio de Menção Honrosa no I Concurso de Poesia Falada. Foi o primeiro colocado no Concurso Nacional de Literatura de Cordel realizado pela FUNCEB, em 2005, com o romance Panvermina e Zabalê nas Quebradas do Sertão. Foi vencedor do prêmio Mais Cultura de Literatura de Cordel – Patativa do Assaré, 2011, com o romance O Rei Cego e os Filhos Maus!

foto: Walkíria Andrade F.



MARCONDES ARAUJO

Jornalista, atua como editor de texto na TV Subaé, afiliada da Rede Globo em Feira de Santana, desde 1992; foi editor da revista cultural Usina – Fábrica de Ideias, lançada em nove edições pelo programa FazCultura nos anos 1999-2000; produtor e diretor do videodocumentário A Volta do Bando Anunciador, lançado pela Universidade Estadual de Feira de Santana em 2008; tem publicado os livros: Pílhos-de-cobra (Editora Scortecci, de São Paulo, XI Prêmio Literário Livraria Asabeça 2012 – categoria contos, 2013); Jeremias Ladrão-de-cavalo, livro de contos publicado pelo Museu de Arte Contemporânea de Feira de Santana, em 2014; minimalismo, livro de microcontos publicado pela editora alternativa Arribaçã, em 2015; eiluminária, livro de microcontos publicado pela editora alternativa Arribaçã, em 2016.

Possui graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2000), especialização em Estudos Literários pela Universidade Estadual da Bahia (2001), é Mestre em Literatura e Diversidade Cultural pela UEFB, Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), poeta, crítico literário, professor Assistente de Literatura Portuguesa e Brasileira da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), membro efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Geográfico de Lisboa. O autor publicou, dentre outros livros, Cicatriz do silêncio (poesia/2007) e A lírica da ausência em Álvaro de Campos e Mário de Sá-Carneiro (2015).



ADRIANO EYSEN



PAULA LICE

Paula Lice é atriz, diretora e dramaturga. Graduada em Letras, com mestrado em Teorias e Crítica da Literatura e da Cultura e doutorado em Artes Cênicas, todos pela UFBA. Através da Pequena Sala de Ideias, reúne os trabalhos que cria e produz com outros artistas, desde 2009. Destacam-se nesse repertório, os espetáculos de dança “As Borboletas” e “Masturbatório”, os trabalhos-solo “Isto não é uma mala”, “Pogobol” e “Parece Bolero”; e o documentário em curta-metragem “Jessy”. Com intensa dedicação à criação para o universo infantil, Paula Lice é coautora da peça, do curta e do longa-metragem de animação homônimo “Miúda e o guarda-chuva”, inspirado em conto de sua autoria, e escreveu, dirigiu e produziu “Para o menino-bolha” (Melhor Texto no Prêmio Braskem de Teatro 2015), bem como o livro infantil “A Gilafa”. É professora de Design do Espetáculo, na UFRB. Mais informações em: <http://pequenasaladeideias.com/>.

FICHA TÉCNICA DO MAPA DA PALAVRA

Governo do Estado da Bahia

Rui Costa dos Santos

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT/BA)

Jorge Portugal

Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB)

Fernanda Maria Coelho da Costa Tourinho

Diretoria das Artes da FUNCEB

Maria Iris da Silveira

Equipe da DIRART da FUNCEB

**Gabriela Harrison, Ernanda Peres, Manuela Veloso,
Marília Silva de Moura e Naiara Vieira**

Coordenação de Literatura da FUNCEB

Karina Rabinovitz

Assessor da Coordenação de Literatura da FUNCEB

Ramon Arend Paranhos

Equipe da Coordenação de Literatura da FUNCEB

**Iolanda Viana Lago, Irla Vanessa Andrade Mota e Urania
Miranda Ferreira**

Assessoria de Comunicação da FUNCEB

Claudia Pedreira

Comissão de seleção do Edital Mapa da Palavra.BA

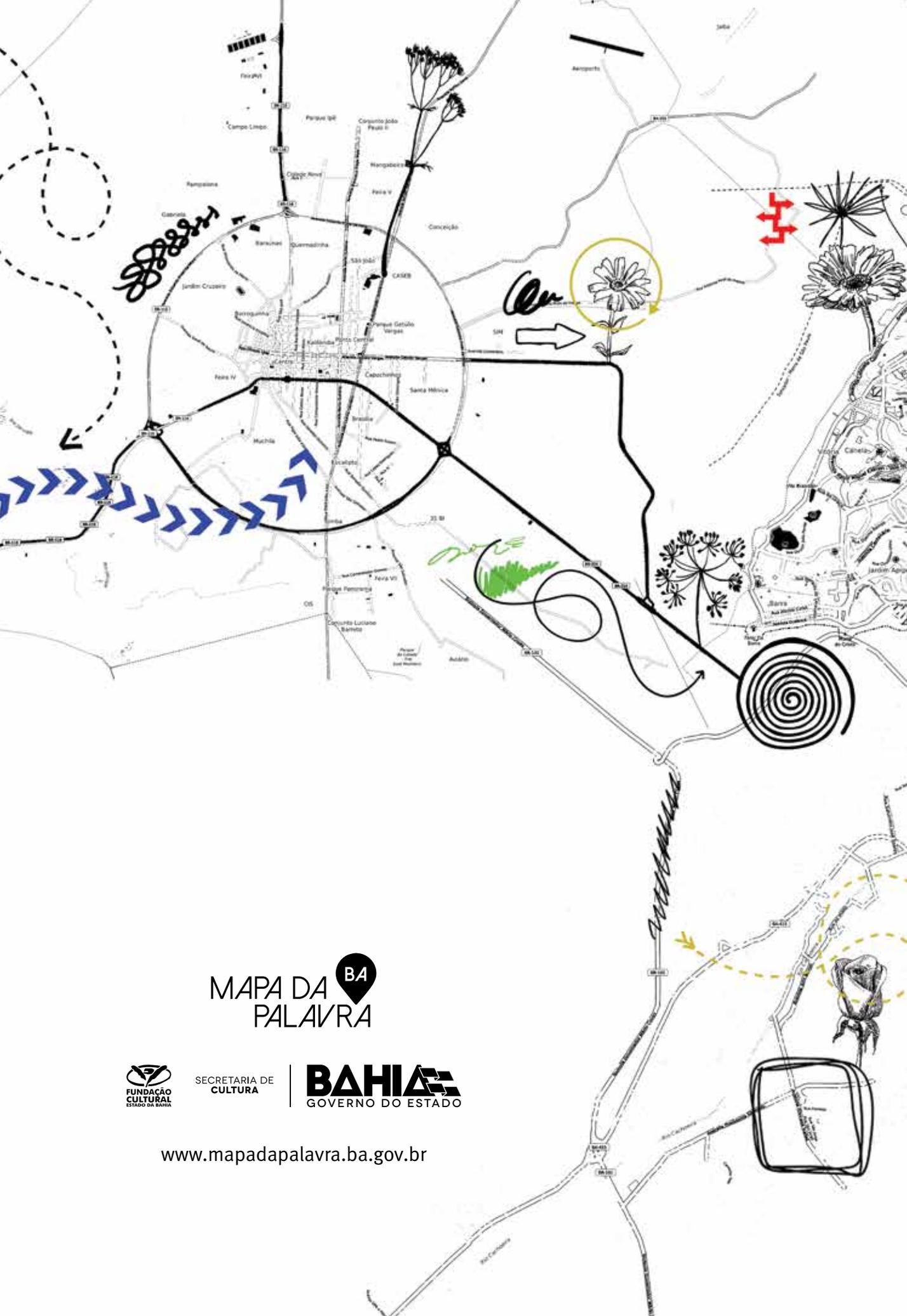
**Ana Lúcia Silva Souza, Antonio Carlos de Oliveira Barreto,
Cide Piquet Barreira Junior, Ivana Teixeira Figueiredo
Gund e Karina Rabinovitz**

Revisão

Ramon Arend Paranhos

Projeto Gráfico, Capa e Diagramação

Nila Carneiro



MAPA DA **BA**
PALAVRA



SECRETARIA DE CULTURA



www.mapadapalavra.ba.gov.br